



A CONSTRUÇÃO DO ENGENHO E A SAUDADE NA LITERATURA DE JOSÉ LINS DO REGO

Roger R. Diniz Costa¹

Resenha recebida em: setembro/2015

Resenha aceita em: outubro/2015

A obra aqui resenhada, *Contando o passado, tecendo a saudade: a construção simbólica do engenho açucareiro em José Lins do Rego (1919-1943)*, é fruto do trabalho de pesquisa do Mestrado de Diego José Fernandes Freire, defendido na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 2014, e publicado no ano seguinte. Neste, o autor analisa a construção simbólica do engenho açucareiro na literatura de José Lins do Rego (1901-1957).

Enveredando pelo caminho da análise da construção social dos sentidos, viés da História Cultural, Freire procura apreender os artifícios utilizados por José Lins para compor uma representação literária do mundo do engenho de açúcar, o banguê, no conjunto literário que chama de “literatura de engenho”, cujas raízes se encontravam em outros autores contemporâneos de José Lins. Assim, ao mesmo tempo em que não deixa de ser uma análise histórica da literatura, a abordagem de Freire é também a análise de um processo de atribuição de sentidos ao passado, já

¹ Mestrando em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bolsista da CAPES. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6175944973791624>

que a literatura em questão ambientava-se no passado mundo do açúcar, mundo este cuja espacialidade esta literatura objetivava definir.

Na impossibilidade de analisar todos os livros de José Lins do Rego que compõe o – que a crítica chamou nos anos de 1930-40 de – “ciclo da cana-de-açúcar”, são analisados três de seus romances, tomados como as principais fontes da pesquisa: *Menino de Engenho* (1932), *Banguê* (1934) e *Fogo Morto* (1943), obras escritas em diferentes momentos da vida do autor.

Perante tais fontes a postura do autor é, nas palavras dele próprio, “profana” (FREIRE, 2015, p. 36), pois não as toma como objetos soltos ou desprendidos de seu entorno social, mas, ao contrário, observa as obras literárias como “artefatos mundanos”, que foram produzidos em um dado momento de seu autor, isto é, produções que são historicamente localizadas. Desta maneira, amparado na perspectiva da *arqueologia* dos discursos, de Michel Foucault, Freire busca apreender a temática do engenho nos romances de José Lins do Rego como uma *formação discursiva*, em torno da qual foram enunciadas “falas” sobre o engenho a partir do final do século XIX.

A formação discursiva literatura de engenho emergiu a partir de uma gama de transformações ocorridas no Brasil, quando da transição do século XIX para a era seguinte. A Abolição da escravidão, a Proclamação da República, o crescimento das cidades, os processos de modernização das principais capitais brasileiras, a entrada no país de máquinas e demais produtos oriundos da revolução industrial, assim como de imigrantes europeus, a preocupação com a cultura e a identidade nacional, em suma, a instauração de uma sociedade moderna e burguesa, com traços capitalistas, fizeram irromper um novo regime discursivo para os banguês. Com essas modificações, o engenho não poderia mais ser apenas o local de produção do açúcar, a unidade produtiva de um produto comercializável. (Ibid., p. 29, grifos do autor)

Para fins de organização, a disposição dos capítulos do livro e da dissertação de Diego Freire mantém-se na mesma sequência, de modo que apenas

os subitens dos capítulos foram subtraídos do sumário na publicação do livro. Dividida em três partes, a obra é composta por sete capítulos que somam-se em um texto de proporções bastante avantajadas para uma dissertação de mestrado.

A Parte I, intitulada *Ao rés do chão: os lugares de José Lins do Rego*, é composta pelos dois primeiros capítulos, nos quais Freire versa sobre os primeiros anos da vida de José Lins – os estudos, as relações sociais e a paixão pelas letras. Nesta parte, a discussão vai no sentido de mapear as filiações intelectuais do romancista paraibano: trata sobretudo da influência literária e política de Gilberto Freyre, de quem José Lins era amigo, e da vida do último em Maceió, onde teve contato com outros escritores por meio da participação nas rodas de leitura. O autor opta por realizar uma historicização biográfica de José Lins e de seus romances, articulando em paralelo uma discussão sobre a vida deste, as relações com o mundo no qual estava inserido e a análise de suas obras.

Enquanto na primeira parte a obra trata principalmente da vida de José Lins, na segunda as análises propriamente das fontes são adensadas. No capítulo 3, na *Parte II: Abrem-se as porteiras: a literatura de engenho*, a reflexão concentra-se na obra *Minha Formação* (1900), de Joaquim Nabuco, considerada a obra fundadora da literatura de engenho. Para Freire, muito do que José Lins do Rego enunciava sobre o mundo do engenho era derivado de Nabuco, que ao mesmo tempo tecia suas memórias e descrevia o engenho: “Joaquim Nabuco instituiu uma nova *visibilidade e dizibilidade* do engenho açucareiro nortista” (Ibid., p. 191), pois fazia deste não apenas a ambientação de sua autobiografia, mas um lugar de destaque na obra, intencionalmente enaltecido para que se configurasse uma imagem positivada do banguê.

Ainda na parte II, os capítulos 4 e 5 são o ponto alto da obra. Nestes, o autor desenvolve uma reflexão acerca do trabalho de José Lins do Rego na constituição de uma memória histórica do mundo do engenho, isto é, a maneira como narra o passado, romanceando-o e rememorando-o. Nesta parte, são analisadas as obras *Senhora de Engenho* (1921), de Mário Sette, e *Menino de Engenho*, o

mais aclamado romance de Lins do Rego. Se Nabuco teria sido o fundador da literatura de engenho, para Freire, Mario Sette foi pioneiro na representação do engenho especificamente no gênero do romance – com o primeiro *best seller* da literatura de engenho –, e fazendo-o de maneira saudosista, “fazendo irromper mais um discurso valorizador da propriedade açucareira e que influenciará os romances de José Lins” (Ibid., p. 194).

Nesta parte do texto, o autor desenvolve sua perspectiva sobre a construção discursiva dos sentidos, especialmente em relação aos espaços, esta que é fortemente influenciada pelos estudos de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, orientador da pesquisa de seu mestrado. Bebendo das teorizações de Michel de Certeau, compreende que *espaço* não é sinônimo de *lugar* (na acepção geográfica), mas o efeito produzido pelas operações que orientam o que é definido como um espaço, que o descrevem e o temporalizam. O espaço é visto como criação humana, concebido e elaborado a partir das práticas sociais, as quais podem ser materiais e simbólicas. Visto desta maneira, o engenho açucareiro é descrito e representado pelo autor de *Menino de Engenho* como um espaço algo medieval, firmado sobre os alicerces de uma sociedade supostamente nobiliárquica e dito por meio de uma linguagem composta de elementos léxicos e estéticos próprios do medievo europeu.

Ora, se o trabalho literário de construir sentidos simbolicamente, de compor literariamente um lugar que, mais do que presente, é vislumbrado no passado e desenvolvido ao longo de diversas enunciações – e este empreendimento é abraçado por vários literatos no contexto recortado –, as possibilidades de emergência desta formação discursiva são também historicamente localizadas. Neste caso, a literatura é entendida como campo de possibilidades para que se tente refirmar mundos que desmoronam, para tentar capturar pedaços de um mundo que está em ruínas diante da modernização técnica da produção de cana e da mudança na ordem política e social sobre a qual este mundo se firmava: “*Menino de engenho* aparenta ser, assim, a tentativa de seu autor de agarrar-se ao universo açucareiro, de ligar-se a esta espacialidade cada vez mais em ruínas” (Ibid., p. 287).

Na parte III, *Fecham-se as porteiras: os engenhos decadentes*, o autor prossegue a análise dos romances e a discussão sobre os discursos mobilizados para tecer o engenho na literatura. Esta parte compreende dois capítulos, em cada um dos quais o autor analisa um romance específico, *Banguê* e *Fogo morto*. Em cada um dos três romances tornados documentos, José Lins desenvolve sua ficção ambientando um engenho; a diferença maior entre eles é que em *Menino de engenho* é retratado um engenho em seu esplendor, do qual o protagonista sente saudades ao lembrar sua infância lá vivida, enquanto nos outros dois são ficcionadas propriedades açucareiras em seu declínio.

A saudade com que José Lins do Rego trata o mundo do engenho e da açucarocracia por meio de suas personagens, a sua paisagem e o cotidiano dos que neste mundo viviam, se liga intimamente ao sentimento de uma perda. E, como se a saudade fosse a condição para o sentimento de perda, ou para a amenização da dor da perda, a narrativa é a ferramenta para que seja elaborado um palco para manifestação desta saudade, sensível e esteticamente; e a literatura é o meio para a tessitura narrativa desta saudade.

Para além de lidar com eventos e fatos, ou sistematizações políticas e modelos econômicos, *Contando o passado, tecendo a saudade* é fruto de uma refinada reflexão histórica, sobre liames que se operam no imaginário social. O engenho, como trata o autor, não se constituía apenas de sua produção econômica e de sua organização política hierarquizada, mas era feito também de imagens e significados expressos nas diversas linguagens – uma destas a literatura, na qual foi produzida uma específica visão sobre o espaço do engenho. Tratando-o como uma formação discursiva, Diego Freire pôde analisar suas formas e regras de enunciação e funcionamento, escavar as teias de poderes que se faziam presentes em uma sofisticada elaboração que construía-o como uma espacialidade, e pôde refletir sobre os objetos e os motivos de saudades dos sujeitos que enunciavam tal discurso. Escavando com fôlego um vasto corpus documental, o autor não se ateu a uma leitura restrita aos romances de seu objeto de estudos, José Lins do Rego – embora

o tenha feito com exímia competência –, elaborou rica e original interpretação histórica sobre a obra do romancista, acabando por desenvolver uma copiosa genealogia e um texto agradável. Esta obra é de interesse a todos os que se interessam pela temática da construção social dos espaços, no campo da História do Brasil, ou pela história da literatura brasileira.

Diego José Fernandes Freire é licenciado e mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente é professor da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Norte e da Universidade Potiguar. Como pesquisador, trabalha principalmente com os temas de História e Literatura e invenção histórica das espacialidades.

REFERÊNCIA

FREIRE, Diego José Fernandes. **Contando o passado, tecendo a saudade: a construção simbólica do engenho açucareiro em José Lins do Rego (1919-1943)**. João Pessoa-RN: Ideia, 2015, 430 p.